

Saberes tradicionais botânicos: Relato de experiência de uma pesquisa de campo na comunidade indígena Apinajé

Iana Thaynara Trindade de Oliveira¹

Instituto Federal do Tocantins – Campus Araguatins

Janaína Costa e Silva²

Instituto Federal do Tocantins – Campus Araguatins

Juliana Barros Carvalho³

Instituto Federal do Tocantins – Campus Araguatins

RESUMO

O objetivo desse relato foi descrever uma pesquisa de campo realizada por licenciandas em comunidades da etnia Apinajé, enfatizando as suas contribuições para a formação profissional de uma das acadêmicas envolvidas. Para a coleta de dados foi realizada uma entrevista com alguns membros da comunidade indígena, com questões relacionadas aos usos das plantas para: pintura, fins medicinais, artesanato e rituais, como também perguntas sobre a importância da mandioca e cosmologia para a população local. Foi possível concluir que a comunidade utiliza os vegetais para diversos benefícios e de forma sustentável, mesmo enfrentando dificuldades para transmitir todos os conhecimentos para as próximas gerações. Os conhecimentos adquiridos pelos entrevistados foram transmitidos por seus pais e/ou avós. Esta experiência não enriqueceu apenas meu conhecimento popular e formação profissional, mas também moldou profundamente minha visão de mundo em relação a aspectos sociais.

Palavras-chave: Conhecimento; Cultura; Etnia; Educação; Sustentabilidade.

ABSTRACT

The objective of this report was to describe a field study conducted by undergraduate students in Apinajé communities, emphasizing their contributions to the professional training of one of the students involved. To collect data, an interview was conducted with some members of the indigenous community, with questions related to the uses of plants for painting, medicinal purposes, crafts and rituals, as well as questions about

¹ Pedagoga (UNITINS – Campus Araguatins), bióloga (IFTO - Campus Araguatins). Coordenadora Pedagógica (SEDUC-TO), Araguatins, Tocantins, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Alameda 3, n. 723, Vila Cidinha, Araguatins, Tocantins, Brasil, CEP: 77950-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-8169-4475>.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1967721929240485>. **E-mail:** iana.oliveira@estudante.ifto.edu.br

² Mestre em agroenergia (UFT- Campus Palmas). Professora (IFTO – Campus Araguatins), Araguatins, Tocantins, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Quintino Bocaiuva, número 158, Centro, Araguatins, Tocantins, Brasil, CEP: 77950-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-2238-4538>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9512813222942781>. **E-mail:** janaina.silva@ifto.edu.br.

³ Mestre em Ecologia, ambiente e território (Universidade de Porto – Portugal). Professora (IFTO – Campus Araguatins), Araguatins, Tocantins, Brasil. Endereço para correspondência: Rua B, número 1587, Vila Frazão, Araguatins, Tocantins, Brasil, CEP: 77950-000. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-0588-7542>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6021251263203294>. **E-mail:** jubc_bio@ifto.edu.br.

the importance of cassava and cosmology for the local population. It was possible to conclude that the community uses plants for various benefits and in a sustainable way, even facing difficulties in transmitting all the knowledge to the next generations. The knowledge acquired by the interviewees was transmitted by their parents and/or grandparents. This experience not only enriched my popular knowledge and professional training, but also profoundly shaped my worldview in relation to social aspects.

Keywords: Knowledge; Culture; Ethnicity; Education; Sustainability.

RESUMEN

El objetivo de este informe fue describir un estudio de campo realizado por estudiantes universitarios en comunidades de Apinajé, destacando sus contribuciones a la formación profesional de uno de ellos. Para la recolección de datos, se entrevistó a algunos miembros de la comunidad indígena, con preguntas relacionadas con el uso de plantas para pintura, fines medicinales, artesanías y rituales, así como sobre la importancia de la yuca y la cosmología para la población local. Se concluyó que la comunidad utiliza las plantas para diversos beneficios y de forma sostenible, aun enfrentando dificultades para transmitir todo el conocimiento a las siguientes generaciones. El conocimiento adquirido por los entrevistados fue transmitido por sus padres y/o abuelos. Esta experiencia no solo enriqueció mi conocimiento popular y mi formación profesional, sino que también moldeó profundamente mi visión del mundo en relación con los aspectos sociales.

Palabras clave: Conocimiento; Cultura; Etnicidad; Educación; Sostenibilidad.

1 INTRODUÇÃO

Os povos indígenas possuem uma cultura rica e diversificada; no entanto, frequentemente são marginalizados na sociedade e enfrentam uma história de lutas e preconceitos. No Brasil, os maiores problemas dos povos indígenas começaram quando aqui já habitavam e, esta terra passou a ser explorada pelos europeus durante a colonização, a partir do ano de 1500. Por essa razão, são conhecidos como povos originários, sendo os primeiros habitantes conhecidos das terras brasileiras.

As comunidades indígenas estão espalhadas por diversas regiões do mundo, porém a origem desses povos é uma informação incerta e continua sendo objeto de estudo entre especialistas. É importante destacar que cada região do mundo possui suas próprias histórias e contextos específicos em relação aos povos indígenas. No entanto, esses povos compartilham desafios comuns como é relatado pela UNESCO (s.d):

Os povos indígenas vivem em todas as regiões do mundo e possuem, ocupam ou usam cerca de 22% da área terrestre global. Com pelo menos 370 a 500 milhões de pessoas, representam a maior parte da diversidade cultural do mundo. As populações indígenas falam a maioria das cerca de 7.000 línguas do mundo e representam 5.000 culturas diferentes. Os povos indígenas de todo o mundo compartilham problemas comuns relacionados à proteção de seus direitos. Muitos povos indígenas continuam a enfrentar

a marginalização, a pobreza extrema e outras violações dos direitos humanos (UNESCO, s.d.).

A pluralidade dos povos indígenas advém das diversas etnias encontradas atualmente. De maneira geral, vivem em aldeias onde se sustentam principalmente da agricultura, caça e pesca. As funções dentro das comunidades são divididas entre eles. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (2012), o que diferencia uma aldeia da outra nas comunidades indígenas brasileiras são as condições climáticas e a disponibilidade de materiais locais. Além disso, outras diferenças entre as etnias estão profundamente ligadas aos modos de vida, cosmologias, que é a forma de interpretar o universo, e as crenças de cada comunidade. Cada grupo indígena apresenta uma diversidade cultural que reflete suas particularidades históricas, sociais e ambientais. A compreensão dessas diferenças é fundamental para o respeito e a valorização da diversidade cultural existente no Brasil e em outras partes do mundo.

Na tradição indígena de algumas etnias, cabe aos homens da aldeia a construção das estruturas, enquanto cabe às mulheres socar o barro utilizado no chão da habitação. As habitações das comunidades indígenas são reflexos não apenas das condições ambientais e geográficas, mas também das suas tradições culturais e modos de vida (Brasil, 2012). É essencial preservar e respeitar essas habitações a fim de garantir a sobrevivência e o bem-estar desses povos, promovendo a diversidade cultural e ambiental no Brasil.

É válido ressaltar que os povos indígenas passaram a ser caracterizados também como povos ou comunidades tradicionais, que, de acordo com o inciso I do Art. 3º do Decreto Nº 6.040/2007, se define:

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Brasil, 2007).

Refletindo um compromisso com a promoção do desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, baseado no respeito aos seus direitos, identidades e formas de organização, foi criada a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, instituída pelo Decreto nº 6.040, de 2007, tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais,

sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições (Brasil, 2021).

Essa política destaca o compromisso com o desenvolvimento sustentável desses grupos, reconhecendo suas especificidades e necessidades. Isso evidencia um reconhecimento da diversidade cultural e uma abordagem inclusiva para o desenvolvimento.

Os povos indígenas possuem saberes tradicionais que são de extrema importância não apenas para sua própria comunidade, mas também para toda a sociedade. Representam um conhecimento acumulado ao longo do tempo e transmitido de geração a geração, mantendo uma convivência de harmonia e respeito com o meio ambiente. Esse conhecimento abrange diversas áreas, incluindo saberes botânicos e zoológicos, bem como práticas ritualísticas que celebram essa relação especial com a natureza.

De acordo com o autor Lévi-Strauss (1962), os indígenas examinam a natureza de maneira cuidadosa, realizam experimentos, formulam hipóteses e as testam. Eles detêm um conhecimento profundo sobre o que denominamos natureza, incluindo técnicas de plantio e caça (compreendendo o conhecimento dos sons - grunhidos, assobios, gritos, tipos de fezes, garras e pegadas dos animais), métodos de descrição da vegetação e de classificação de espécies, dos solos, das paisagens, entre outros.

O historiador Tupinambá (2022) apoia, dizendo:

Nós indígenas temos a educação anterior à própria educação escolar indígena. Esse conhecimento que nós temos em nossas aldeias e nossas comunidades é uma educação ancestral que vem de nossas origens. Nós respeitamos nossos anciões como portadores desses saberes, da sabedoria da cura, da manutenção da natureza e pensar no mundo onde caibam vários mundos (Tupinambá, 2022).

Por serem povos originários, os indígenas já possuíam no país suas ferramentas de trabalho, técnica agrícola, construções, remédios naturais, entre tantos outros produtos cujas matérias-primas provinham da própria natureza e que eram suficientes para suas atividades de subsistência.

Os saberes tradicionais indígenas são importantes para a preservação da biodiversidade. Essas comunidades possuem uma compreensão íntima com a natureza, o que favorece a conservação desse ambiente. A cosmovisão desses povos influencia suas práticas cotidianas, rituais e cerimônias, que muitas vezes são realizados para honrar e agradecer pelos recursos naturais, buscando manter o equilíbrio e a harmonia entre as pessoas e o ambiente ao seu redor.

Os rituais realizados pelas comunidades indígenas são essenciais para a manutenção da identidade cultural e espiritual desses povos (Batista; Milioli; Citadini-Zanette, 2014).

No entanto, o que para esse povo se torna uma preocupação em cuidar para seu uso sustentável, mantendo a biodiversidade, para a sociedade moderna do capitalismo torna-se alvo de geração de capital, sustentado pela exploração dos recursos naturais e extinção de espécies. Como apresentam Diegues e Arruda (2000, p. 208), “As espécies vegetais e animais são objetos de conhecimento, domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria das sociedades modernas”.

Em se tratando de biodiversidade, os vegetais são essenciais para a vida de todo ser humano. O Brasil possui uma mega diversidade de seres vivos que nos favorece com inúmeras espécies para diversos tipos de benefícios. Assim, a sociedade indígena possui um amplo conhecimento empírico no que se refere ao uso de plantas, sendo esse conhecimento o mais valioso e confiável, e muitos desses saberes ainda não foram explorados pela ciência moderna (Santos; Araújo; Batista, 2010).

Os indígenas brasileiros recorrem à floresta para tratar suas enfermidades e atender às suas necessidades de autocuidado, assim como para a utilização de plantas em rituais, pinturas corporais, artesanato e alimentação. O uso de medicamentos e remédios caseiros traz vantagens quanto ao tratamento de doenças e promove o conhecimento sobre a flora local. O saber indígena pode ser entendido como um acúmulo de crenças e conhecimentos que são passados de geração em geração dentro da comunidade, por meio da transmissão cultural sobre as interações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem (Gadgil; Berkes; Folke 1993).

A etnia indígena Apinajé está localizada na região norte do estado do Tocantins, abrangendo as cidades de Cachoeirinha, Luzinópolis, Tocantinópolis, São Bento e Maurilândia. Sua população é composta por cerca de 1.913 indígenas vivendo nessa região, e seu território ocupa uma área de 141.904 hectares (Fontes, 2021).

A região do Bico do Papagaio, no extremo norte do estado do Tocantins, é um local privilegiado por ser palco de encontro de dois biomas: Amazônia e Cerrado. Sendo assim, possui uma biodiversidade diversa, típica de cada bioma. Sobre essa “junção vegetacional”, o autor Silva (2007, p. 3) afirma:

Dos cinco grandes tipos de vegetação que formam as províncias vegetacionais que cobrem o país, Tocantins apresenta duas: a Floresta Amazônica de terra firme, ou Floresta Ombrófila, e a Savana, denominados, respectivamente, de Bioma Amazônia e Bioma Cerrado. Além destas regiões, ocorrem as Áreas de Tensão Ecológica ou de contato entre tipos de vegetação e as Formações Pioneiras (Silva, 2007, p. 3).

Os Apinajé utilizam diversas espécies vegetais do Cerrado para diversos fins. O coco babaçu é uma das principais bases de subsistência, sendo utilizado de diversas formas: o óleo é extraído da amêndoa, a palha serve para a cobertura das casas, e as cascas são usadas como combustível para cozinhar. Além disso, a caça também desempenha um papel importante como fonte de alimento no dia a dia (Fontes, 2021). A língua nativa da etnia é o Apinajé, pertencente ao tronco linguístico macro-Jê (Torres, 2022). Esse povo preserva suas festas tradicionais e rituais, mantendo vivos os saberes e conhecimentos ancestrais.

Um fato interessante deste povo é o número de pessoas que são cristãs, sendo comum encontrar missionários, pastores e outras pessoas que compõem as denominações de religiões que adentram ao território. É comum ocorrer festas nas aldeias com contratação de bandas da cidade de Tocantinópolis (TO), com músicas de forró, reggae e sertanejo. Em várias casas têm televisão, geladeiras, rádio e um número mínimo de pessoas que possuem carros e motos. Alguns Apinajé cursam faculdades na UFT-Tocantinópolis (TO) e cursos técnicos em outras instituições da cidade além de cursarem faculdade e mestrado fora do estado como na UFG Goiânia (GO) (Torres, 2020, p. 37).

O norte do Brasil, com seus sete estados, soma mais de 50% da população indígena de todo o país. O estado do Tocantins, localizado nesta região, está na 18ª colocação em número de indígenas por estado no país, com 20.023 indígenas, segundo o Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2023).

Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins- *Campus* Araguatins realizaram uma atividade que envolveu os saberes tradicionais sobre plantas dos povos indígenas da etnia Apinajé, na região norte do Tocantins, como parte do componente curricular Instrumentação para o Ensino de Biologia. O objetivo deste relato é descrever uma atividade realizada pesquisa de campo realizada por licenciandas em comunidades da etnia Apinajé, destacando suas contribuições para a formação profissional de uma das acadêmicas envolvidas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

No segundo semestre do ano de 2023, a professora do componente curricular Instrumentação para o ensino de Biologia, do VI período do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) - *Campus* Araguatins, apresentou a turma uma proposta de atividades que deveriam ser realizadas em comunidades tradicionais da região

local, conhecida como Bico do Papagaio. A turma, composta por 30 acadêmicos, foi dividida em cinco grupos, cada um direcionado para uma comunidade tradicional da região, sendo três delas de quebradeiras de coco, uma comunidade quilombola e uma comunidade indígena, à qual foi dedicado este relato.

Um dos objetivos da atividade proposta era que os acadêmicos conhecessem mais sobre os saberes dos povos tradicionais no que se relacionam com as plantas. Saberes diferentes dos científicos que são aprendidos nas escolas, mas que podem colaborar significativamente para o desenvolvimento destes. Além da pesquisa de campo, a proposta também incluía a produção de outros diferentes instrumentos didáticos, que era também o objetivo da disciplina. Para tanto, foi solicitada a produção de um documentário e de uma História em Quadrinhos com base nos dados coletados na pesquisa.

O documentário deveria conter informações gerais sobre a comunidade, algumas plantas de grande significado para os povos da aldeia, como as medicinais, as utilizadas na alimentação, como a mandioca, as empregadas na pintura corporal, no artesanato e nos rituais. Nós, acadêmicos, fomos incentivados a pesquisar sobre o cultivo e uso dessas plantas, a tradição de como esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração, e as práticas sustentáveis realizadas na comunidade.

Na pesquisa para produção de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada que permite flexibilidade ao entrevistador. Este tem um roteiro prévio, mas com a liberdade de perguntar algo fora do planejado conforme a narrativa do entrevistado. A entrevista pode ser definida:

Como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (Gil, 2011, p. 128)

Os materiais utilizados para a coleta de dados foram câmera digital, celular, diário de bordo e o roteiro de perguntas.

Na organização da pesquisa, a professora fez uma visita prévia à comunidade para verificar quem seriam os entrevistados e, com auxílio dos colaboradores na aldeia, foram escolhidas as pessoas que, de acordo com eles, tinham maior conhecimento sobre cada assunto da entrevista.

O roteiro de perguntas foi elaborado pelo grupo de acadêmicos. Os vídeos produzidos foram apresentados em um momento de culminância ao final do semestre, com a presença das turmas de todos os períodos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, além dos professores que lecionavam nessas turmas, e foram publicados na plataforma Youtube.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passar um dia em uma comunidade indígena foi uma experiência excepcional. Tivemos a oportunidade de visitar e conhecer um pouco de uma cultura tão diferente da nossa: a etnia indígena Apinajé. Cada momento foi de muito aprendizado e uma lição de humildade, conexão e respeito pela natureza e pela cultura de um povo ainda muito discriminado pela sociedade moderna.

Estar imersa na realidade de uma comunidade indígena foi um aprendizado que transcendeu a teoria e me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre o papel da ciência e da cultura.

Ao chegar na comunidade, carregava comigo curiosidade, expectativa acadêmica e os objetivos da pesquisa, mas logo pude perceber que a experiência seria mais abrangente do que eu esperava. O primeiro impacto foi o ambiente, com sua grande biodiversidade e a maneira como a comunidade interagia com ele.

A educação tem um papel fundamental no combate aos preconceitos, sejam eles de cor, etnia, gênero, religião ou condição social. Faz-se necessário discutir os prejuízos causados na sociedade pelas condutas e pensamentos preconceituosos. É preciso conhecer, conviver e respeitar as diferenças, visando alcançar uma sociedade que seja verdadeiramente igualitária.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica –DCN’s – apontam que:

Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social, que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural, econômica dos grupos historicamente excluídos. Trata-se das questões de classe, gênero, raça, etnia, geração, constituídas por categorias que se entrelaçam na vida social – pobres, mulheres, afrodescendentes, indígenas, pessoas com deficiência, as populações do campo, os de diferentes orientações sexuais, os sujeitos albergados, aqueles em situação de rua, em privação de liberdade – todos que compõem a adversidade que é a sociedade brasileira e que começam a ser contemplados pelas políticas públicas (Brasil, 2013).

Em conformidade com a necessidade de se considerar a diversidade da sociedade brasileira, essa citação destaca a importância de trazer para o debate questões fundamentais relacionadas à inclusão social e à consideração da diversidade humana. Ela ressalta a necessidade urgente de garantir o acesso e a inclusão de grupos historicamente excluídos. Esses grupos possuem diversos saberes importantes para a preservação das florestas e daqueles que lá habitam, enfim, para toda a natureza, além de serem uma fonte de estímulo para os pesquisadores. Como afirmam Batista, Milioli e Citadini-Zanette (2014, p. 2), ao se pensar “os saberes plurais e pertinentes dos povos indígenas em relação à natureza e seu cotidiano no território e ambiente tradicional em que vivem, são instigantes motivações para estudos de fundo interdisciplinar e o diálogo de saberes referentes à sociobiodiversidade”.

Desde o momento da chegada, fomos bem recebidas pelos membros da comunidade. Ficamos admirados com a hospitalidade deles e como se sentiram à vontade e satisfeitos em compartilhar suas histórias e seus conhecimentos.

Cada aspecto da vida na comunidade, desde o plantio de alimentos até as cerimônias religiosas, era permeado por um profundo respeito pela terra. Foi inspirador testemunhar a conexão da comunidade com o meio ambiente e como isso influenciava suas atividades diárias.

Podemos observar que existem rituais de plantio e colheita, rituais de cura envolvendo o uso de plantas medicinais e rituais de agradecimento. Esses rituais reforçam a conexão dos indígenas com a natureza e seu respeito por ela.

Um item importante na alimentação básica da comunidade é a mandioca, que eles plantam e colhem. Bittencourt (2017) aponta que a mandioca para os indígenas é uma dádiva, um presente de Deus. Sendo assim, durante a atividade realizada, podemos perceber que a mandioca é de grande importância para a comunidade devido às diversas formas de uso, especialmente na alimentação, onde se produz a tapioca, que é a base de diversos pratos como o Paparu. Este é uma espécie de beiju gigante, produzido com a folha de bananeira. Assim como a farinha, a tapioca é sempre produzida pela comunidade, seja para as festividades, seja para o dia a dia. Outras formas de consumir a mandioca são: cozida, misturada com outros alimentos como a carne e para fazer bolos. Dizem ser um alimento ‘forte’ que ‘sustenta’ o corpo.

Foi interessante conhecer a fé das pessoas da comunidade nos rituais destinados a aumentar o cultivo da planta. Para a mandioca ficar boa, durante o plantio é realizada uma cerimônia onde os indígenas cantam uma música com intuito de ‘alegrar’ a planta e promover

boas raízes. A comunidade também realiza um desmatamento antes da plantação, chamado de “roça de toco”, com o objetivo de deixar o solo “forte” e assim produzir uma boa raiz de mandioca.

Em se tratando da fabricação da tinta utilizada nas pinturas corporais, a comunidade utiliza a planta jenipapo. A casca da planta é retirada e, em seguida, ralada com um ralo. Para que fique com a coloração preta, é exposta ao sol. Dizem que a tinta também faz bem para a saúde.

Os indígenas carregam no corpo e no rosto a identidade cultural de seu povo. As pinturas são as marcas de muitas etnias e são diferentes para cada ocasião. As tintas são feitas de elementos naturais, como urucum e jenipapo, e podem manter-se na pele por um período de 15 a 20 dias (Rocha, 2019).

Uma das pinturas destacadas foi a que é feita nas mulheres que estão de resguardo. Segundo a cultura da comunidade, essa pintura ajuda a mulher na produção de leite. Foi uma surpresa para nós quando também nos informaram que, durante o período de resguardo (quatro meses), o marido também deve se resguardar, conforme a tradição da comunidade. De acordo com Da Matta (1976), na cultura Apinajé, os pais precisam estar de resguardo para o restabelecimento da fisiologia do filho, evitando que a criança “se transforme em sangue” novamente. Algumas atividades, como comer certos tipos de animais ou realizar trabalhos pesados, são evitadas para prevenir a morte ou doenças na criança.

As pinturas produzidas possuem significados específicos, como para festas e rituais culturais. Uma das festas marcantes na comunidade é o Pàrkapê, chamado ritual da tora, que segundo Fontes (2021) é uma cerimônia que homenageia os mortos e marca o fim do luto, todos na comunidade se pintam. Uma indígena entrevistada relata que na cultura Apinajé essa pintura é denominada “pintura da jiboia”, que se acredita dar força a quem a usa, pois no ritual, os participantes correm na floresta carregando toras de buriti, necessitando, portanto, de força corporal. Além disso, destaca que a pintura intitulada “core”, significa sol e lua, e as pinturas dos homens se diferem da pintura das mulheres. Para as cerimônias de casamento, também existe uma pintura específica que representa a noiva e outra que representa o noivo. Na visita foi possível ver as pinturas feitas para o casamento.

A mesma indígena entrevistada sobre as pinturas corporais, também é parteira na comunidade, e falou sobre a raiz de uma planta chamada ‘grão de galinha’, que, na hora do parto, é passada na barriga para intensificar as dores e acelerar o nascimento da criança. Quando o bebê nasce, para cortar o cordão umbilical, é utilizado um talo de tanajuba. Observou-se que

essa tradição está sendo continuada pela sua filha, que aprendeu todos os ensinamentos com a mãe.

Em relação às plantas utilizadas como medicinais na comunidade, uma delas é a planta da mangabeira, cujo chá é utilizado para curar ‘problemas’ na barriga. Outra planta apresentada foi a raiz amarga, usada para o tratamento de gonorreia, sífilis, coceiras e feridas no corpo. A papaconha, uma planta pequena, mas muito “forte”, é usada quando a mulher “quebra o resguardo” após o parto. Ainda de acordo com o entrevistado, nos casos mais graves, que é necessário ir ao médico e a doença não é descoberta, eles utilizam os remédios naturais e acreditam na cura por meio deles. Uma das plantas utilizadas nesses casos é a palha, que foi apresentada ao grupo de acadêmicos presentes na entrevista.

Questionado sobre o interesse dos mais jovens em conhecer as plantas com fins medicinais e sua utilização, o indígena inferiu que não há interesse. Eles conhecem as plantas pelos nomes, mas não conhecem seus fins medicinais. Dessa forma, teme-se que o conhecimento possa desaparecer com os anos, caso esses jovens não se interessem em aprender o uso das ervas medicinais. As práticas populares de uso de plantas medicinais são uma alternativa importante para muitas comunidades no tratamento de doenças e no cuidado com a saúde. No entanto, sua continuidade pode estar em risco devido a fatores externos à dinâmica social dessas comunidades como maior exposição a influências culturais externas (Amorozo; Gély, 1988; Amorozo, 2002) e maior facilidade de acesso aos serviços de saúde modernos (Amorozo, 2002).

Na comunidade, há um posto de saúde que atende as várias aldeias formadas naquele local. Quando há remédios, eles são distribuídos aos atendidos. Porém, mesmo com medicamentos sintéticos disponíveis, a primeira opção para a cura de doenças, feridas ou mal-estar ainda são as plantas medicinais, de acordo com a entrevista.

O conhecimento do indígena entrevistado começou a ser obtido quando ele tinha entre 3 e 4 anos de idade, com seu avô. Ele relata que teve uma dieta rigorosa até os 15 anos de idade, a fim de ficar forte. Entre os alimentos que não pode consumir nesse período, para atender as regras da sua cultura, foi o mingau de arroz, o peixe, o milho verde e a abóbora verde.

Junto a outro entrevistado, sobre as plantas para rituais, também foi abordado sobre as plantas medicinais. Ele destacou que existe comprovação de que algumas dessas plantas realmente curam as doenças para as quais são utilizadas na comunidade. Nesse sentido, Ferreira (2013) aponta que, desde meados dos anos 1970, a Organização Mundial da Saúde recomenda

a integração das medicinas tradicionais nos sistemas de saúde nos Estados nacionais. A autora mostra ainda que, com a Declaração de Alma-Ata, em 1978, fica reconhecido que os praticantes das medicinas tradicionais podem colaborar nos cuidados primários da saúde.

Na entrevista, foi mencionada também a utilização da vereda para aliviar dores de barriga, bem como para a diminuição ou prevenção do diabetes. O boldo, uma planta doméstica, também foi mencionado para curar dores de barriga. A mangabeira da chapada foi apontada como uma cura para a anemia e um depurativo do sangue. Outra planta utilizada na cura da anemia é a casca do jatobá. A casca da candeia da chapada foi citada como um bom cicatrizante de feridas. O entrevistado ainda explicou que existem algumas plantas cujo conhecimento é exclusivo do pajé e não é revelado para outras pessoas.

Sobre o artesanato, foi nos apresentada a cabaça, utilizada como recipiente para água. Maracá, mungulu, tiririca, cabacinha, “quentiô” (linguagem indígena), “voré” (linguagem indígena) e flecha são algumas das plantas utilizadas para fazer artesanato, produzindo brincos, colares, anéis, bem como enfeites para casas e carros, como fonte de renda para subsistência. A casca do tucum é colocada de molho, e em seguida é seca e usada na produção de enfeites. Esta planta também é utilizada para produção de lenha. Conforme destacado por Fontes (2021), os indígenas da etnia Apinajé “produzem artesanato com sementes e miçangas, que comercializam nas cidades vizinhas”, além de venderem também para visitantes, como nós e outros que frequentam a comunidade em dias de festas ou durante pesquisas de instituições de ensino.

A artesã aprendeu a produzir seus artefatos observando a avó quanto tinha entre 15 e 16 anos de idade. Ela ainda relata que atualmente na comunidade não há interesse dos jovens em aprender a fazer artesanato com plantas.

O professor de cosmologia, abordou como a cosmologia reflete na visão que a comunidade tem sobre o mundo, baseada nos saberes dos seus antepassados. Todo o imenso respeito que os indígenas têm em relação ao mundo advém desses cosmos. Foi relatado que é perceptível a falta de interesse dos jovens em conhecer a própria cultura, devido à influência da cultura não-indígena.

Diante dessa situação, o professor relata que busca, através da educação, mostrar a importância e despertar o interesse dos jovens pelo conhecimento relacionado à cosmologia. A escola não possui apenas uma matriz curricular indígena, mas também disciplinas da base comum como português, matemática, ciências, geografia e história. Dessa forma, a cultura da

ciência moderna já está presente na comunidade desde a infância escolar. Segundo Paula (2017, p. 361), a cultura indígena deveria ser o foco nas escolas das aldeias:

Nas escolas indígenas, esta situação se torna dramática uma vez que as comunidades consideram a relevância de serem trabalhados com as crianças e jovens indígenas os conhecimentos ancestrais que hoje estão em situação de risco frente às relações assimétricas impostas pela sociedade não indígena. Na verdade, os saberes indígenas deveriam constituir o cerne das escolas indígenas, a partir deles é que se acessam outros conhecimentos produzidos em diferentes contextos socioculturais. Natureza constitutiva das escolas indígenas é a presença dos saberes indígenas nestas escolas, só assim elas poderão ser indígenas de fato (Paula, 2017, p. 361).

Entrevistamos um Apinajé conhecedor da cultura e cosmologia da etnia, ele foi o último entrevistado. Um homem estudado, graduado em Pedagogia, mestre em Ciências do Ambiente e fluente em português. Quando elogiado sobre isso, ele afirma que deve isso aos estudos e às muitas viagens representativas que fez.

Ainda de acordo com esse entrevistado, os mais velhos têm muito respeito por certos tipos de árvore, especialmente aquelas que dão frutos, como a bacaba e o bacuri. No passado, quando se realizava a queimada para preparar a roça, se houvesse alguma árvore importante para cantos ou rituais, ela era preservada. Na visão dos mais velhos, quando uma árvore é cortada, ela sente como um ser humano. O líquido que sai durante o corte é considerado uma espécie de lágrima, como se a árvore estivesse chorando de dor.

Também destacou as dificuldades que enfrentam para manter a cultura devido ao acesso dos jovens às tecnologias. Ele ressalta a importância de repassar e preservar esses conhecimentos culturais para que não se percam. Como diretor da escola na comunidade onde reside, percebe isso claramente dentro da própria unidade escolar quando os alunos usam celulares. O entrevistado compara os jovens de hoje com os jovens de antigamente, apontando que atualmente não há mais o mesmo interesse nos saberes indígenas como antes, devido à grande influência de culturas externas, especialmente provinda das redes sociais, que são atrativas para eles. Na escola, eles tentam abordar a parte cultural, porém a maioria dos alunos não se interessa em aprender.

Inferir ainda que os mais velhos possuem tanto conhecimento sobre os benefícios das plantas porque não tiveram acesso à tecnologia como a juventude atual. Essa falta de interesse faz com que os jovens não conheçam as plantas, sua utilização e preparo, sendo sempre necessária a orientação dos mais velhos. Apesar de estes buscarem preservar as espécies para utilizá-las de forma sustentável, há um sério risco de que sua cultura, baseada nos

conhecimentos sobre vegetais, possa ser perdida com o tempo, e muitas espécies podem ser extintas pela falta desse conhecimento.

Outro grande desafio que a comunidade enfrenta é manter a língua materna entre os mais jovens. Dizem que é uma luta contra o português. Em alguns momentos, durante suas conversas, já optam por falar o português em vez da língua materna. Outro fator que dificulta ainda mais são as novas palavras que surgem na atualidade e que não existem na língua nativa. Seria necessário criar termos para se referir a essas palavras que não têm equivalente na própria língua, o que se torna difícil. Seria como elaborar um dicionário para essas novas palavras que advém da comunidade externa. A autora Paula (2017, p. 369) também destaca as dificuldades na manutenção da língua materna indígena:

Entretanto, as línguas indígenas encontram-se em situação de risco em nosso país. Há poucos povos com mais de dez mil falantes e não há políticas públicas de revitalização e de manutenção das línguas, embora a Constituição de 1988 garanta o seu uso nos processos de aquisição da escrita. A língua portuguesa se impõe com muita força, gerando uma situação de assimetria em relação às línguas originárias. As lutas pela demarcação dos territórios, epidemias, deslocamentos das populações indígenas são fatores que contribuem para o desaparecimento das línguas. Por outro lado, ainda é incipiente a produção de materiais de apoio pedagógico em línguas indígenas financiados pelos órgãos educacionais, o que acarreta uma posição privilegiada do uso do Português em muitas escolas indígenas. (Paula, 2017, p. 369).

A interação entre as práticas tradicionais e o mundo contemporâneo enfrentada pelos indígenas é complexa, trazendo uma reflexão sobre os desafios e adaptações que essas comunidades enfrentam em um mundo em constante mudança e permeado pelos avanços tecnológicos.

A pesquisa de campo foi uma experiência reveladora ao entender todos os desafios que esses povos enfrentaram e ainda enfrentam. A modernidade e a utilização inadequada da tecnologia pelos mais jovens estão contribuindo para o afastamento de sua cultura, além da discriminação, que são apenas alguns dos obstáculos que enfrentam diariamente. Contudo, a resiliência e determinação dos mais velhos em preservar sua cultura e modo de vida são verdadeiramente inspiradoras.

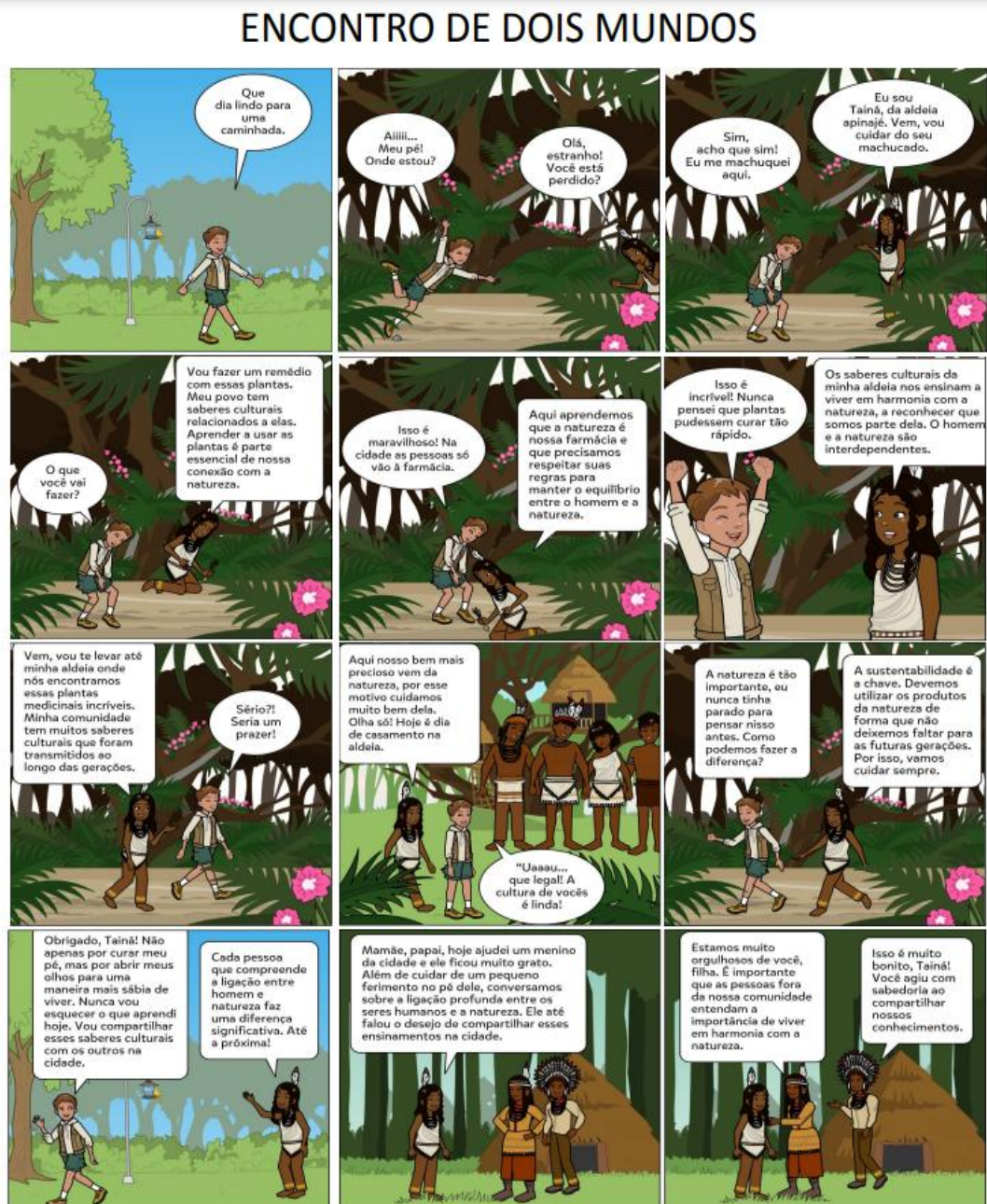
As práticas tradicionais desempenham um papel de fundamental importância na preservação da cultura e da identidade indígena. A comunidade vê em suas tradições, como rituais, língua materna, artesanato e técnicas de subsistência, uma forma de manter sua conexão com a terra e os seus antepassados. No entanto, muitos membros da comunidade têm acesso à tecnologia, como celulares conectados à internet, e com esse acesso acabam perdendo o

interesse por suas tradições, sendo atraídos por novas situações que não fazem parte de seu mundo real. Isso representa um desafio para a manutenção da cultura indígena, exigindo esforços contínuos para transmiti-la às futuras gerações.

Uma das observações mais impressionantes foi a profunda conexão que eles têm com a natureza. Um dos maiores ensinamentos obtidos foi o de respeitar e honrar a terra. Além disso, aprendemos muito sobre a cultura e as tradições daquela comunidade. Eles compartilharam conosco suas histórias, músicas, rituais e artesanato, que são partes essenciais de sua identidade. Cada conhecimento tinha um propósito específico, seja para celebrar uma colheita, garantir uma boa colheita, celebrar um casamento ou ajudar a mulher produzir leite após o parto, entre outras situações. Foi gratificante ver como eles continuam lutando para manter viva essas tradições.

Conforme solicitado pela docente do componente curricular, o grupo produziu um documentário abordando informações gerais sobre a comunidade, suas principais plantas e seus usos (pintura corporal, rituais, medicinais, artesanato e alimentação). Além disso, foi produzida uma história em quadrinhos baseada na pesquisa de campo e nos conhecimentos adquiridos pelo grupo sobre a utilização das plantas a partir dos conhecimentos tradicionais. Na história, uma indígena encontra um homem contemporâneo que se perde na floresta e se machuca. Ela utiliza plantas medicinais para ajudá-lo com o ferimento e aproveita para falar sobre a importância das plantas e a relação de respeito que existe entre a natureza e seu povo (Figura 01).

Figura 01: História em Quadrinho sobre a relação das plantas medicinais com a comunidade indígena



Fonte: Autoras (2024)

Foi de grande relevância para mim, como acadêmica de licenciatura em Ciências, vivenciar e compreender mais sobre os saberes da cultura indígena relacionados às plantas. Percebemos que esses povos possuem uma vasta gama de conhecimentos que são também importantes para a construção de novos conhecimentos científicos, auxiliando a ciência moderna no desenvolvimento de diversos produtos essenciais para toda a sociedade. Portanto, nas aulas de Ciências, é válido explorar os conhecimentos prévios dos alunos sobre botânica,

buscando compreender o que já sabem e utilizando esse conhecimento como ponto de partida para a aprendizagem científica. De certa forma, esses conhecimentos são herdados dos povos originários que habitavam esta região antes da colonização.

Entre toda a relevância do trabalho e os muitos aprendizados, destaco três pontos principais que foram significativos para minha formação como professora da área de Ciências da Natureza:

1º - Utilizar os recursos naturais, oriundos das nossas florestas, de forma sustentável é essencial para garantir nossa sobrevivência no futuro. Essa sobrevivência depende tanto do clima quanto dos produtos que retiramos da natureza. É importante repensar a exploração ambiental atual, uma vez que pesquisas indicam uma calamidade futura caso nossa natureza continue sendo tão devastada. O ensino de Ciências é propício para a inclusão de temas como sustentabilidade. Abordar esse tema em sala de aula é essencial para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes sobre o tipo de meio ambiente que desejam no futuro. É necessário que os estudantes compreendam que há pessoas que lutam pela sobrevivência das florestas, das quais dependem, enquanto outras as destroem com fins puramente capitalistas. Acredito que mais projetos com essa temática deveriam ser inseridos, não apenas nas aulas de Ciências, mas em um contexto interdisciplinar. É importante que os estudantes conheçam as culturas que lutam pela preservação da natureza, entendam os motivos dessas lutas, as ações empreendidas e os conhecimentos que impulsionam a sustentabilidade. Com isso, podemos promover um debate entre os interesses culturais e capitalistas.

2º - Valorizar as culturas tradicionais, em especial os povos indígenas apresentados, é fundamental. Estes povos, que habitavam aqui na época colonial, foram explorados, exterminados e tiveram suas culturas negativamente afetadas. São comunidades que possuem seus próprios hábitos e buscam viver em harmonia com a natureza, preservando-a para garantir sua subsistência. Eles merecem respeito por sua história e pela luta contínua pela sobrevivência em meio a tantos desafios e discriminação. Valorizar os saberes desses povos é um dever de todo cidadão. Nesse sentido, acredito que o professor de Ciências pode integrar os saberes tradicionais botânicos ao conhecimento científico, uma vez que muitas pesquisas têm mostrado resultados positivos nessa associação. Jovens de comunidades tradicionais e rurais, que aprendem seus conhecimentos culturais por meio da tradição familiar, estão também nas escolas urbanas. Ao aproveitar esse conhecimento em sala de aula, o docente pode promover um

diálogo entre os participantes, possibilitando uma troca de saberes e vivências, tornando assim a aula mais dinâmica, interessante e atrativa para a aprendizagem científica.

3º - Repensar a tecnologia como algo meramente necessário, especialmente no mundo atual, marcado por tanta modernização é crucial. No entanto, é igualmente importante ponderar sobre seu uso. Muitas vezes, como observado na cultura pesquisada, a tecnologia nos distancia de hábitos mais íntimos com o que é natural e próximo, afastando-nos do concreto e nos levando ao virtual, desconectando saberes transmitidos de geração em geração. Isso deve ser refletido em sala de aula. Ao utilizar tecnologias digitais, podemos proporcionar ao estudante o acesso a um mundo invisível a olho nu e uma interação dinâmica e envolvente, o que é extremamente positivo. Porém, é necessário ter cautela quando a tecnologia promove o individualismo, distancia-nos do mundo real e nos torna reféns de uma tela, afastando-nos das relações com os outros e com a natureza. É essencial que mantenhamos hábitos simples que aproximam as pessoas, mas que também influenciam a aprendizagem, especialmente preservando os saberes que vêm de casa e são aprendidos em família. Dinâmicas, atividades e jogos não digitais continuam sendo valiosos para promover o contato entre os estudantes, a interação e troca de conhecimentos. Aulas de campo, em contato direto com a natureza, ao invés de aprender sobre a vegetação apenas pela internet, também são importantes.

Esses pontos foram fundamentais para repensar minha prática pedagógica. Eles me trouxeram uma nova perspectiva sobre metodologias que poderei adotar em minhas aulas de Ciências e Biologia, integrando saberes, cultura, tecnologia e sustentabilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo possibilitou que conhecêssemos uma comunidade indígena, sua cultura e alguns dos seus muitos saberes tradicionais relacionados às plantas. A visita permitiu compreender os usos das plantas pela comunidade e a importância delas para seu povo, alcançando o objetivo proposto na atividade. Foi possível concluir que a comunidade utiliza os vegetais de forma sustentável na alimentação, na pintura, no artesanato, em rituais e para fins medicinais, apesar das dificuldades em transmitir todo o conhecimento de sua cultura para as próximas gerações. Os conhecimentos adquiridos pelos entrevistados foram transmitidos por suas gerações anteriores.

Como observado na pesquisa de campo, os povos indígenas têm uma relação espiritual e profunda com a natureza. Eles veem a terra, as plantas, os animais e os elementos naturais como seres vivos dotados de alma. Essa conexão permite que os indígenas tenham cuidado e preocupação em manter o meio ambiente em excelente estado.

No entanto, como licenciandos e futuros professores, podemos considerar a importância dos saberes tradicionais de um determinado povo. Todos nós possuímos saberes que herdamos de nossos antepassados. Assim, são conhecimentos que podem ser valorizados na própria escola para uma conexão com a aprendizagem científica. Outro ponto a destacar foram os instrumentos didáticos (o vídeo e a história em quadrinhos) utilizados como resultados da pesquisa. Percebemos que, durante as apresentações, essas propostas didáticas chamaram a atenção do público telespectador, envolvendo-os nas emocionantes histórias de um povo cheio de sabedoria, cuidado e amor pela natureza, mas às vezes esquecido e desvalorizado por uma sociedade capitalista.

A atividade realizada com povos indígenas foi uma oportunidade rica que contribuiu significativamente para minha formação acadêmica em Ciências. Esta experiência não enriqueceu apenas meu conhecimento popular, mas também moldou profundamente minha visão de mundo em se tratando de aspectos sociais.

Diante de todo o relato aqui apresentado, consideramos relevante que, ainda na graduação, mais trabalhos nesse contexto sejam realizados com os acadêmicos, possibilitando uma vivência enriquecedora e ampliando ainda mais as discussões em torno da importância das culturas dos povos tradicionais para a nossa sociedade. Reconhecer, respeitar e valorizar esses saberes é primordial para a promoção da diversidade cultural, assim como para o bem-estar do nosso planeta.

A vivência em uma comunidade indígena foi uma jornada de autodescoberta e crescimento. A experiência me ensinou que o verdadeiro conhecimento vai além dos livros e das teorias. Ele está nas pessoas, nas histórias e na forma como elas interagem com o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [S. L], v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/abb/a/KX7Xy9RPn5qpyXhmt7YfntL/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 set. 2024.
- AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, Série Botânica, [S. L], v. 4, n. 1, p. 47-131, 1988. Disponível em: <<https://repositorio.museugoeldi.br/handle/mgoeldi/310>>. Acesso em: 23 set. 2024.
- BATISTA, K. M.; MILIOLI, G.; CITADINI-ZANETTE, V. Saberes tradicionais de povos indígenas como referência de uso e conservação da biodiversidade: considerações teóricas sobre o povo mbya guarani. **Ethnoscientia**. [S. L], v. 5, n. 1, p. 1-17, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscientia/article/view/10299>>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- BITTENCOURT, J. P. **Dia da Árvore: mandioca é uma das árvores mais importantes para a população da Amazônia**. UFPA – Universidade Federal do Pará, 2017. Disponível em: <<https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/596-dia-da-arvore-mandioca-e-uma-das-arvores-mais-importantes-para-a-populacao-da-amazonia#:~:text=%E2%80%9CA%20mandioca%20%C3%A9%20considerada%20por,%3A%20a%20farinha%E2%80%9D%2C%20friza>>. Acesso em: 09 mar. 2024.
- BRASIL. Fundação Nacional do Índio (FUNAI). **O Brasil indígena**, 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/o-brasil-indigena-ibge-1>>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/acoes-e-programas/politica-nacional-de-desenvolvimento-sustentavel-dos-povos-e-comunidades-tradicionais#:~:text=A%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20de%20Desenvolvimento,e%20garantia%20dos%20seus%20direitos>>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília: Câmara de Educação básica do Conselho Nacional de Educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília, 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DA MATTA, R. **Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé**. Petrópolis: Vozes, 1976.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/ USP, 2000.

FERREIRA, L. O. A emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. **SciELO Brasil**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 203 -219, jan-mar. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ZJSd766y7nSKwZnmT9s76FN/#>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FONTES, S. **Povos indígenas integram colchas de retalho da cultura tocantinense**. Governo do Tocantins, 2021. Disponível em: <<https://www.to.gov.br/noticias/povos-indigenas-integram-colcha-de-retalhos-da-cultura-tocantinense/3pkblnxoqbqx>>. Acesso em: 07 set. 2024.

GADGIL, M.; BERKES, F.; FOLKE, C. Indigenous Knowledge for biodiversity conservation. **Ambio**, v. 22, n. 2-3, p. 151 – 156, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4314060>>. Acesso em: 09 mai. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Agência IBGE Notícias**, 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

LÉVI-STRAUSS, C. **La pensée Sauvage**. Paris: Plon, 1962.

PAULA, E. D. Os saberes e valores indígenas transformando os processos de escolarização. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 355-372, 2017. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4999>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ROCHA, R. **Pinturas corporais indígenas são marcas de identidade cultural**. UFPA – Universidade Federal do Pará, 2019. Disponível em: <<https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/9573-pinturas-corporais-indigenas-sao-marcas-de-identidade-cultural>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SANTOS, M. L.; ARAÚJO, E. M.; BATISTA, A. R. Plantas medicinais usadas pelos índios kambiawá Ibibimirim–PE. **Revista Brasileira de Informações Científicas**. [S.L], v. 1, n. 01, p.

78-85, 2010. Disponível em: <<https://silo.tips/download/plantas-medicinais-usadas-pelos-indios-kambiwa-ibimirim-pe>>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SILVA, L. A. G. C. **Biomias presentes no estado do Tocantins**. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Tocantins, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Jana%C3%ADna%20Costa/Downloads/biomias_tocantins_silva.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

TORRES, Carina Alves. **Mulheres indígenas Apinajé: Trajetórias socioespaciais em Tocantinópolis (TO)**. Dissertação (mestrado acadêmico), Universidade Federal do Tocantins-UFT, Araguaína, 2020.

TORRES, Carina Alves. Povo Indígena Apinajé: contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis – TO. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 08, nº 02, p. 160-174, 2022. Disponível em: <<https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/view/22583>>. Acesso em: 08 set. 2024.

TUPINAMBÁ, C. A. X. **Saberes indígenas contribuem para a diversidade de pesquisas e eventos na USP**. Faculdade de Educação da USP. Jornal da USP, 2022. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/diversidade/saberes-indigenas-contribuem-para-diversidade-de-pesquisas-e-eventos-na-usp/>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION- UNESCO. **Dia Internacional dos Povos Indígenas no Mundo**. Disponível em: <<https://www.unesco.org/pt/international-day-worlds-indigenous-peoples>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

HISTÓRICO

Submetido: 15 de Julho de 2025.

Aprovado: 29 de Agosto de 2025.

Publicado: 08 de Setembro de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

OLIVEIRA, I. T. T. de; SILVA, J. C.; CARVALHO, J. B. Saberes tradicionais botânicos: Relato de experiência de uma pesquisa de campo na comunidade indígena Apinajé. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, e2025026, 2025.